

Os Problemas no discurso do que chamamos de arte homoerótica: interseccionalidades contrassexuais para uma *Ars Sexualis*

BRUNO ALCIONE NOVADVORSKI SCHEEREN

Artista visual, curador, crítico de arte, pesquisador. Mestrando em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, orientado pelo Prof. Dr. Alexandre Sá. Bolsista FAPERJ - Nota 10. Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021). Técnico em Produção de Moda, formado pelo SENAC - Brusque/SC (2014). Coidealizador e coorganizador do *Ars Sexualis* - Seminário Internacional de Artes Visuais. Colaborador da *Falo Magazine*. Editor-chefe da revista *Corpo Explícito* (2020/2021). Como artista, já expôs individual e coletivamente nos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Tem artigos apresentados e publicados em anais de congressos nacionais e internacionais. Tendo o seu corpo como suporte se apropria de várias linguagens e poéticas para falar de questões que perpassam pelo nu, as práticas sexuais explícitas e o cu, temáticas que lhe atraem também para os exercícios de curadoria e da crítica de arte.

Afiliação: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1114886623677374>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6429-6942>

• RESUMO

O artigo apresenta uma reflexão crítica sobre o que chamo de "ideia de arte homoerótica" por esta não ter uma formulação conceitual sólida, mas que agencia discursos que agrupam artistas e suas obras distinguindo-os de outros artistas e obras que poderiam estar abrigados na ideia de arte homoerótica, mas que são excluídos discursivamente. A tensão teórica é feita a partir de conceitos como interseccionalidade, de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge; de contrassexualidade, de Paul B. Preciado. Ambos são o lastro teórico dos quais discorro para tensionar a utilização da ideia de arte homoerótica. Entre a sua aplicação, Wilton Garcia é um dos poucos pesquisadores que elabora uma reflexão um pouco mais concisa, mas que ainda assim, observo brechas que devem ser tensionadas. Por fim, proponho o acolhimento conceitual e teórico desses artistas e obras no conceito de *Ars Sexualis*.

• PALAVRAS-CHAVE

Discurso, arte homoerótica, interseccionalidade, contrassexualidade, ars sexualis.

• ABSTRACT

The article presents a critical reflection on what I call "the idea of homoerotic art" because it does not have a solid conceptual formulation, but it does agency discourses that group artists and their works distinguishing them from other artists and works that could be sheltered in the idea of homoerotic art, but that are discursively excluded. The theoretical tension is made from concepts such as intersectionality, by Patricia Hill Collins and Sirma Bilge; of counter-sexuality, by Paul B. Preciado. Both are the theoretical ballast from which I discuss the use of the idea of homoerotic art. Among its application, Wilton Garcia is one of the few researchers that elaborates a reflection a little more concise, but even so, I observe gaps that must be tensioned. Finally, I propose the conceptual and theoretical reception of these artists and works in the concept of *Ars Sexualis*.

• KEYWORDS

Discourse, homoerotic art, intersectionality, counter-sexuality, ars sexualis.

1. Introdução

Afinal de contas, de que se trata a arte homoerótica? A pergunta automaticamente é acompanhada por uma suposta definição que se dá pelo uso, sua teorização ainda é escassa. Quase sempre, seu escopo abarca artistas gays cisgênero, brancos e burgueses, e que abordam em seus trabalhos suas práticas sexuais, explícita ou implicitamente. Assim, introdutoriamente, dispomos do que pode ser lido artisticamente como arte homoerótica, ainda que imprecisa nesse momento.

Entre perguntas e possíveis respostas, devemos observar que ao pesquisarmos por 'arte homoerótica' nos sites de buscas, basicamente os resultados concentram-se em perfis apontados acima. Outra característica é a nudez que se apresenta nas entrelinhas desses trabalhos artísticos, mas que também não dá conta de apresentar respostas. A rigidez fálica, os lábios molhados e as piscadas das pregas igualmente não são satisfatórias para compreender o que é empregado como arte homoerótica. Seu emprego afinila-se em características que não dão conta da amplitude que a ideia sugere. Sendo assim, não estaria na hora de revermos a utilização dessa ideia, repensando seu modo aparentemente "guarda-chuva", mas que deixa artistas e trabalhos artísticos de fora por não entrarem nesse escopo das 'artes produzidas pelas gays cis brancas, visto que, por exemplo, artistas lésbicas já na década de 1980 utilizavam dessa ideia do homoerótico feminino, mas que

53 • não são lembradas? A revisão é urgente.

Observando com calma e disposição, nos deparamos com uma série de problemas que se encontram nas entrelinhas e que passam despercebidos, como sexismo, racismo, transfobia, capacitismo, por exemplo. Não estou aqui acusando de uso superficial, as pessoas que utilizam da ideia de arte homoerótica para pensar/respaldar suas discursividades, apenas quero apontar as problemáticas dos discursos e consequentemente suas responsabilidades ao utilizarem da arte homoerótica para agrupar determinadas artistas em relação a outres. Embaso essa reflexão em dois conceitos importantes: interseccionalidade, de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) e contrassexualidade, de Paul B. Preciado (2017).

A interseccionalidade é um conceito que serve como uma ótima ferramenta analítica (BILGE & COLLINS, 2021), pois consegue evocar em si as complexidades da vida cotidiana. Debater gênero, raça, classe social e práticas

sexuais separadamente, não sustentam as argumentações e contra argumentações que aqui sugiro: uma crítica direta à ideia de arte homoerótica. A interseccionalidade aplica-se aqui como ferramenta analítica, já que as autoras nos dizem que “quando usada como uma forma de práxis crítica, a interseccionalidade se refere às maneiras pelas quais as pessoas, como indivíduos ou parte de um grupo, produzem, recorrem ou aplicam estruturas interseccionais na vida cotidiana” (BILGE & COLLINS, 2021, p. 51). Não bastaria tencionar a aplicação da arte homoerótica apenas pelo viés do gênero ou das práticas sexuais, é preciso interseccionar outros marcadores identitários.

A contrassexualidade proposta por Paul B. Preciado é uma crítica para diferenciação entre gênero e sexo (prefiro pensar nas práticas sexuais) e como estes legitimam corpos em relação a outros (PRECIADO, 2017). A reflexão crítica preciadina é extremamente importante para o exercício de crítica aqui proposto. É indispensável pensar que ao colocar como dependentes, gênero e prática sexuais, as binariedades estruturaram discursos que nos levam a ideia de arte homoerótica. Portanto, a contrassexualidade é primordial.

Em seus estudos, Wilton Garcia (2012) tenciona brevemente a arte homoerótica, mas sem muito aprofundá-la. Ele propõe a possibilidade da homoarte como possível resposta. Seus estudos são um dos poucos que se debruçam sobre essas temáticas. O que reforça a ideia de que arte homoerótica precisa ser tencionada, principalmente, por questões que irei desdobrar e que acredito serem urgentes.

• 54

2. Homoerótico e os efeitos dos discursos

Como já aponte brevemente, é importante observar que o que caracterizamos como arte homoerótica, na verdade é uma produção discursiva a partir de características individuais de identidades plurais que são singularizadas, assim permitindo uma elaboração e produção conceitual, oportunizando desta maneira a elaboração de um conceito que sintetize ideias semelhantes e/ou próximas. Quando expressamos ou ouvimos arte homoerótica, o que nos vem em mente? Na minha cabeça, se formam imagens de corpos masculinizados por seus pênis que se apresentam em um marcante contexto sexual. Marco a questão da presença de uma “masculinidade”, pois este é um eixo recorrente na leitura exercida da arte homoerótica, ou seja, invisibilizando outras identidades que poderiam abrigar-se dentro desse

guarda-chuva. Mas como caracteriza-se discursivamente a ideia homoerótica que é elaborada como arte?

Em primeiro lugar, creio que a principal característica presente, vem penetrada na própria ideia do que socialmente é compreendido como homoerótico e, ao mesmo tempo, que tal entendimento, parte equivocadamente, de uma binariedade. Estamos falando de corpos cisgêneros que trepam com corpos cisgêneros e que são masculinizados por um sistema heterocisgênero normativo embranquecido e classista. Desconsiderando-se assim, todas as outras formas que caberiam dentro do escopo homoerótico, como a arte produzida por lésbicas, por exemplo. Será que ainda assim esse guarda-chuva consegue abrigar a arte lésbica? Não, mas não por não ter aproximações, mas pelo fato de que, muitas vezes, gays reproduzem os machismos e sexismos da heteronormatividade branca classista. Essa pretensão é tão excludente quanto a própria ideia de homoerótico, uma vez que seria um pré-julgamento de que toda a produção de artistas que em suas particularidades se identificam como lésbicas, tenham que necessariamente abordar artisticamente suas práticas sexuais. Como qualquer outro marcador identitário, cairíamos de cabeça no mesmo problema. O que precisamos mudar não é as obras de arte lidas como homoerótica ou as identidades por trás dessas obras de arte, mas a elaboração discursiva que personifica algumas identidades e práticas sexuais em arte homoerótica. Para este processo, é fundamental que a primeira ação seja a separação entre homo e erótico.

55

Quando se emprega o substantivo *homo* costurado com o adjetivo *erótico*, em síntese, o que se diz é que se trata da prática sexual de duas pessoas que, muito provavelmente, se reconhecem como pessoas cisgêneras, reconhecendo-se a partir do binarismo biológico que emprega suas identidades a partir de seus corpos terem ou não pênis, terem ou não vagina¹. Gênero e práticas sexuais são postos como dependentes diretos, o que a teoria transfeminista vem desmistificando. Aliás, não apenas desmistificando, mas apontando a necessidade de destruição dessa lógica heterocisgêneronormativa branca classista racializante que impõem sobre corpos uma série de regras que não são mais aceitáveis. Neste sentido de

1 Sem contar a exclusão do ânus, mas não entrarei nessa questão. Indico a leitura do Manifesto Contrassexual (2017) em seu todo para compreender melhor as questões do cu, bem como a leitura do livro Pelo cu: políticas (2016) anais dos autores Sejo Carrascosa e Javier Saez.

ruptura dessa lógica discursiva, a contrassexualidade proposta por Paul B. Preciado é cirúrgica ao dizer que a contrassexualidade é “uma teoria do corpo que se situa fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade” que “define a sexualidade como tecnologia” e que as binariedades produzidas “não passam de máquinas, produtos, instrumentos” (PRECIADO, 2017, p.25).

O que Preciado está colocando em xeque é justamente a elaboração discursiva produzida pela heterocisnomatividade branca classista racializante que sujeita corpos em detrimentos de outros (PRECIADO, 2017). Naturalizou-se que nascemos homens ou mulheres; conseqüentemente, normas se produzem a partir desta lógica e, por consequência, se atualizam conforme as sociedades e suas tecnologias vão se atualizando. Os debates que as teorias trans e não binárias estão pautando são extremamente importantes para a desconfiguração da norma. Importante ressaltar que ao marcar a “norma”, em outras palavras, estou falando de poder². Este que por sua vez é disputado o tempo todo de variadas maneiras.

Entendo que parece contraditório que, ao mesmo tempo que a partir da contrassexualidade, devemos fazer a separação *homo* e *erótico*, a interseccionalidade vem e elabora aproximações. As conexões entre estes marcadores identitários não são dependentes diretas, mas deve acontecer de modo aberto, ora questões de classe e raça irão se ressaltar sobre gênero e práticas sexuais, ora o contrário, bem como outros marcadores podem aparecer, o que não pode é uma questão destacar-se a ponto de invisibilizar outras. Quando proponho a separação do termo ‘homoerótico’ é justamente para distanciar discursivamente o que vem sendo impregnado como natural ao ser humano, que é a ordem de que a identidade de gênero necessita da prática sexual para ser identificada.

Quando se utiliza o substantivo *homo*, é preciso ser compreendido como relações afetivas e não necessariamente estejam relacionadas a gênero ou práticas sexuais. As práticas sexuais, por mais que possam parecer ser a mesma coisa que gênero, não são e isso deve ser muito bem entendido. Uma pessoa que se identifica na heterocisgeneridade não necessariamente tem suas

2 Michel Foucault aborda essas questões a todo momento, principalmente, no livro *Microfísica do Poder* (2019), onde transita entre o macro e o micropoder a que os corpos sujeitam e sujeitam-se.

práticas sexuais nesse lugar, ou seja, um homem cis que se identifica como bicha pode ter suas práticas sexuais fluídas, isso quer dizer que seu prazer sexual não se limita ao corpo que possui um pênis e, deste modo, venha a se identificar como bicha. Da mesma forma, pessoas trans não necessariamente se identificam como homo, como podem se identificarem enquanto hétero ou nenhum nem outro gênero binário e as respectivas relações, sexuais ou não, também não estão nesse lugar da homoafetividade ou heteroafetividade. É imprescindível que se compreenda que, ao falarmos de gênero e práticas sexuais, estamos em primeira instância falando de questões distintas, mas que logo em sequência se costuram, interseccionando-se a raça, classe social, religião, capacitismo e outros marcadores identitários. Portanto, “criticar a hetero[cis]normatividade [embranquecida classista] na interseccionalidade cria espaço para novas questões sobre as relações de poder e a sexualidade e para entendimentos sobre a resistência às hierarquias sociais.” (BILGE & COLLINS, 2021, p. 64).

57 • Uma vez que a questão central desta crítica é a utilização de uma ideia de arte homoerótica que por sua vez é controversa e, como apontado pressupõe uma identidade gay - macho/homem/masculino - em oposição a outras é pertinente assinalar alguns pontos, nos quais Paco Vidarte destaca as questões políticas das bichas. A acidez com que o autor reflete é instigante. Vidarte destaca que “a existência política nasce de uma posição de sujeito que luta. Uma posição de sujeito que nasce de uma decisão voluntária, estratégica, conjuntural a partir de uma situação de opressão e injustiça dada” (VIDARTE, 2019, p. 61). Ou seja, nossas identidades bichas, sapatonas, travestis, trans, não-binárias, negras, indígenas, gordas, com deficiências se estabelecem principalmente para opor-se as lógicas da heterocisgeneridade normatividade embranquecida classista que nos coloca no lugar do outro, o outro estranho, o outro pecador, a outra histórica, o outro escravizado, o outro incapaz, o outro selvagem etc., sempre em um lugar de oposição marginalizada que deve ser excluída da sociedade. Mais a frente, Vidarte complementa “a identidade do sujeito político começa a ser construída assim que ele começa a fazer coisas” (VIDARTE, 2019, p.64) e este fazer coisas implica em, simplesmente, existir numa sociedade heterocisgênera normativa embranquecida classista.

Do mesmo modo, é importante observar que Judith Butler antecipou essa questão de gênero apontando que “a tarefa é justamente formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que

as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam” (BUTLER, 2016, p. 24). Assim, colocado em posterior diálogo com Vidarte, quando identidades marginalizadas se colocam em posição de questionamento, ataque e rompimento dos discursos e suas normatividades, elas estão fraturando a lógica da heterocisgeneridade normativa embranquecida classista. Ainda nesse diálogo que estabelecimento entre Butler e Vidarte, retomando a separação do *homo* e do *erótico*, Butler cirurgicamente diz que “o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” e que “quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante” (BUTLER, 2016, p. 26). Portanto, se a construção de gênero se dá nas práticas sexuais - é igualmente importante ter em mente as questões discursivas que Michel Foucault discute em seu primeiro volume da História da Sexualidade (2019). Na sequência de sua reflexão, Butler coloca que gênero é “performativo constituído segundo ‘expressões’ tidas como seus resultados” (2016), ou seja, é o ‘fazer coisas’ que Vidarte apontou.

Retomo, neste momento, a contrassexualidade, pois apesar de muito importante e ainda com muitas questões para serem debatidas, a performatividade butleriana, deixa brechas problemáticas, as quais Preciado é pontual e que é importante serem destacadas aqui, visto que minha crítica ao homoerótico tangencia essas questões. Preciado aponta que, ao falar das performatividades drag, “Butler parece ter colocado entre parênteses tanto a materialidade das práticas de imitação como os efeitos de inscrição sobre o corpo que acompanham toda performance” (PRECIADO, 2017, p. 91) e

• 58

ao acentuar a possibilidade de cruzar os limites dos gêneros por meio de performances de gênero, teria ignorado tanto os processos corporais e, em especial, as transformações que acontecem nos corpos transgêneros e transexuais, quanta as técnicas de estabilização do gênero e do sexo que operam nos corpos heterossexuais” (PRECIADO, 2017, p. 94).

Preciado não aponta que Butler esteja errada, mas que em sua reflexão às questões das possibilidades de transformar o corpo ficaram a desejar e que esta são as tensões que as teorias trans-travestis postulam como urgente, como já apontado nessa crítica, gênero não é prática sexual e prática sexual não é gênero, mas ambas se interseccionam a outros marcadores para a

desestruturação da heterocisgeneridade normativa embranquecida classista. E é, nesse momento, que o *erótico* entra no debate com mais ênfase, uma vez que o *homo* aqui debatido como substantivo do gênero já nos permite relacionar com o *erótico*.

Como já apontei, entendo que quando o *homoerótico* é discursado, me parece que, em primeira instância, a proposta é abordar a prática sexual homo. Mas quando separados, o que o *erótico* nos propõe? Por onde poderíamos caminhar para compreender qual lógica se encontra nas entrelinhas do *homoerótico*, uma vez que este *erótico* parece ser as práticas sexuais desses corpos *homos*. É pertinente observar como Jurandir Freire Costa elabora a questão do *homoerótico* no livro *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo* (1992), como uma “atualização” do termo já banido de nosso vocabulário, “homossexualismo”, que carrega preconceito. Costa nos diz que sua preferência pelo termo *homoerotismo* “obriga-nos a rever o modo como pensamos no fenômeno da atração pelo mesmo sexo.” (COSTA, 1992, p. 77). Como percebemos, Costa em seu contexto, apesar de tentar atualizar o problemático termo, ainda assim reproduz outros equívocos que sua época era normalizados, como a de entender as práticas sexuais como diretamente ligadas ao gênero. Seu livro é um poço de problemas, mas muito importante para observarmos e não repetirmos os erros que se maquam como pesquisa e/ou opinião. Volto a repetir e salientar a importância da leitura das teorias trans-travestis para o rompimento de ciclos geracionais preconceituosos sobre essas temáticas.

Um dos principais autores do *erótico* é, sem sombra de dúvidas, George Bataille que, ao debater o “erotismo” (BATAILLE, 2017), primeiro o faz distinguindo uma prática humana e uma prática animal selvagem - não adentrarei nas problemáticas que essa distinção superior provoca, apenas cito como contexto histórico. Essa diferenciação é observada por Bataille, uma vez que “animais selvagens” apenas exercem a prática sexual a fim da procriação, o ‘prazer’ e o ‘desejo’ são especificidades dos seres humanos. Bataille também aponta o *erótico* como “interioridade do desejo”, ou seja, “o erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão” (BATAILLE, 2017,

p. 53)³. Assim, a sexualidade enquanto *erótica* é a consciência humana⁴. O autor complementa que a sexualidade humana não é necessariamente erótica, ela só o “é quando deixa de ser rudimentar, simplesmente animal” (BATAILLE, 2017, p. 53). Em outras palavras, quando sua função não é reprodutiva. Acredito que o erotismo batailleano deve e vem sendo revisitado, pois ainda é pertinente, mas passível de críticas e revisões. Meu interesse não é constituir uma genealogia do termo erótico, acredito que existe uma vasta teoria que pode ser pesquisada para compreender sua elaboração ao longo dos tempos e espaços.

Para além erotismo batailleano, o termo *erótico* se dá etimologicamente de Eros que tem como significado “relativo ao amor, o sensual”. Porém, como não é meu intuito reproduzir certas hegemonias, como a predominância da mitologia grega, não irei desdobrar essa relação. Prefiro trazer para o diálogo um importante pesquisador brasileiro que tem feito importantes contribuições para as artes visuais brasileiras a respeito de temáticas que atravessam direta e indiretamente esse artigo, o professor Afonso Medeiros. No texto *O imaginário do corpo entre o erótico e o obsceno: fronteiras líquidas da pornografia* (2008), Medeiros ao contrapor erótico e obsceno afirma que “durante muito tempo, o erótico (aliado à sensualidade) foi a expressão permitida do corpo, enquanto que o obsceno (identificado como impureza e aliado ao excesso e ao desregramento) foi a visão interdita desse mesmo corpo” (MEDEIROS, 2008, p. 29). Sua colocação é pontual para compreendermos como as artes visuais ao longo de sua historicidade tratou as práticas artísticas que dão luz às temáticas que transpassam corpo, nudez, sexualidade, pornográfico etc, ou como é dito, as artes sujas. Veremos essas questões mais adiante.

Não é meu interesse desdobrar teoricamente o conceito de *erótico*, uma vez que necessitaria de um debate mais amplo, bem como compreendo que este debate já vem sendo produzido, minha problematização aqui é que quando o termo é diretamente costurado ao *homo*, confunde-se o que abordei anteriormente, gênero e prática sexual, dado que o *erótico* se refere a prática sexual da identidade de gênero *homo*. Me questiono qual o efeito dessa costura direta que é feita não de modo interseccional, mas de dependência, o que,

³ Grifo do autor.

⁴ George Bataille, assim como outros tantos autores utilizam o termo “homem” para compreender o ser humano, porém, seguindo minhas críticas ao termo *homoerótico*, não faço esse emprego por não acreditar nele, pois reproduzir sua utilização é manter as estruturas que venho criticando ao longo do texto.

como apontado até aqui, é extremamente inapropriado já que reproduz os dogmas e preconceitos da heterocisgeneridade normatividade embranquecida classista. Portanto, demarco que é importantíssimo e urgente as problematizações do termo *homoerótico*, pois mesmo que ele pareça ser interseccional, observado a partir de outros vieses já apontados, acaba por reproduzir estruturas sociais hegemônicas e que precisam ser repensadas. .

3. Arte Homoerótica: entre ideias e conceitos

Antes de uma reflexão direta sobre o que seria a ideia de arte homoerótica, aponto que meu recorte de observação se dá no contexto brasileiro, com artistas brasileiros. Assim, ao pesquisar o termo, os primeiros nomes que aparecem são: Alair Gomes (Alair de Oliveira Gomes, 1921-1992), Leonilson (José Leonilson Bezerra Dias, 1957-1993), Hudinilson Jr (Hudinilson Urbano Júnior, 1957-2013), Mário Röhnelt (Mário Alberto Birnfeld Röhnelt, 1950-2018), entre outros tantos, mas todos com características em comum, como a cisgeneridade, a branquitude e a classe social. Retomando a interseccionalidade como ferramenta analítica crítica, esses aspectos característicos que se aproximam são as vias para a problematização da ideia que se tem por arte homoerótica. Caso teríamos o desejo de renovar nossas referências artísticas, quem seriam esses artistas? E como seus trabalhos responderiam? Quais seriam as métricas utilizadas para abrigar ou não esses artistas e obras dentro do guarda-chuva da ideia que é a arte homoerótica?

Sem almejar respostas conclusivas, pelo contrário, suscitando pensamentos em aberto. Iniciei a pesquisa por meio de pesquisas de escritos acadêmicos⁵. Inicialmente, o choque foi inevitável, visto que imaginava encontrar algo realmente mais concreto sobre o entendimento teórico-conceitual de arte homoerótica, mesmo já dispondo do conhecimento de que, de modo geral, a historiografia da arte e crítica, tem modos bem problemáticos de tratar as temáticas do corpo + nudez + sexualidade/contrassexualidade + pornografia. Digo isso em razão de alguns pontos que serão evidenciados a seguir. Porém, para minha felicidade, ao passo que me aproximava do final da construção referencial para escrita deste texto, encontrei o artigo *Arte*

⁵ Artigos, dissertações, teses, tal como livros de outros campos que adentram na esteira teórica desta pesquisa.

Homoerótica no Brasil: Estudos Contemporâneos (2012)⁶, do artista, doutor e pesquisador Wilton Garcia.

Em seus estudos, Garcia aponta que a produção científica no Brasil que toma o *homoerotismo* como objeto de pesquisa o faz pela relação direta entre *homoerotismo* e imagem (GARCIA, 2012). Saliencia que tais estudos devem ser cautelosos com relação a “aplicação da linguagem visual” e que “a partir dessa linguagem, os estudos da homocultura abrangem variáveis estratégicas entre alteridade, diferença e diversidade, que possa comportar homo, bi, lesbo, trans entre outros” (GARCIA, 2012, p. 132). O termo homocultura é requerido pelo autor e que na sequência de sua reflexão se desdobrará na *homoarte*. Ao referir-se ao termo ‘homocultura’, Garcia coloca a seguinte nota de rodapé:

No Brasil, o campo do conhecimento que interessa nos estudos sobre homoerotismo e cultura elege a noção de homocultura como denominação recorrente de um estado híbrido: antropofágica, ambígua, erótica e sincrética. E, talvez, deve-se observar a extensão enunciativa do prefixo “homo” como radical às variantes: homossexual, homoerótico, homoarte, homoafetividade, homotexto, homocultura, entre outros. Esse hibridismo evidencia-se na gama de resultantes parciais sobre as propriedades enunciativas da homocultura, como elaboração de uma proposta interdisciplinar na ação epistemológica dos estudos gays e lésbicos emergentes na universidade brasileira. (GARCIA, 2012, p. 132).

• 62

Acredito que esta nota de rodapé é a grande chave de seu artigo, mas que não foi explorada, tornando-se apenas uma nota de rodapé. Meu destaque a ela se dá pelo fato que, em alguma medida, entendo que Garcia, já em 2012, antecipava minhas inquietações, mas infelizmente me parece que não é seu desejo problematizar o prefixo *homo* que permite, como apontado na citação acima, ser o radical para *homoerótico*. Garcia deixa isso claro ao afirmar que seu texto “não deve ser compreendido como uma tentativa de (re)inventar a

⁶ Como consta informativamente no artigo de Wilton Garcia, o mesmo é parte de sua tese de doutorado, defendida no ano de 2002 como consta em seu currículo Lattes (link: <http://lattes.cnpq.br/3458459542807532>). Busquei na internet a possibilidade de acessar sua tese por completo, mas não obtive sucesso. Consultei a plataforma de Catálogos de Dissertações e Teses CAPES, mas a mesma informa que a tese de Garcia é anterior ao ano de 2006, não encontrando-se disponível (ver: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>).

construção do discurso homoerótico na arte brasileira; e tampouco, ameaça e/ou desafio contra o sistema hegemônico”. Logo em sequência, Garcia pontua o que desdobrará em seu artigo, dizendo que homoerotismo e imagem (temas de seu artigo e sua tese de doutoramento) devem ser considerados como “(re)inscrição de paradigmas identitários, socioculturais e políticos, atualmente, em que as reconfigurações emergem-se em suas expressões artísticas, estéticas e poéticas, em uma ênfase homoerótica” (GARCIA, 2012, p. 133). Ou seja, Garcia mesmo não utilizando-se do conceito de interseccionalidade o faz indiretamente, uma vez que intersecciona marcadores de gênero, de classe, de raça, de práticas sexuais, entre outros. Sobre ‘homoarte’, Garcia diz que

o conceito de homoarte deve ser compreendido a partir de um grande guarda-chuva que abarca a diversidade de imagens, experiências, práticas, teorias, subjetividades, formas e conteúdos para além de uma arte homoerótica, da qual não se configura como sinônimo textual. A homoarte, aqui, negocia uma noção que amplia e representa sua designação, tanto para arte homoerótica quanto para a arte gay, arte lésbica ou arte queer. Dito de outra forma, esse conceito deve ser visto/lido como leque de possibilidades enunciativas sobre a dinâmica de alteridades homoeróticas, cujas resultantes deslizam sobre as estratégias discursivas (ambiguidade, corpo, diferença, resistência e ironia). No campo da arte contemporânea, torna-se necessário (re)dimensionar os princípios que servem de coordenadas do percurso específico dessa manifestação híbrida da arte homoerótica. (GARCIA, 2012, p. 135).

63 •

Acredito que a proposta de homoarte é um caminho pertinente, o termo torna-se uma via possível para os debates a que se pretende. Porém, ainda sinto falta da abordagem que amplia o escopo reflexivo para além dos discursos que são característicos das artes visuais, como formalismo estético, por exemplo. Por essa razão, tenho pensado minha produção crítica de arte a partir de teóricos como Paul B. Preciado, por trazerem à tona outros modos de realizar o exercício crítico, seja ele artístico, social, político e/ou econômico. Uma constatação importante que Wilton Garcia faz (em nota de rodapé) é que “a cena brasileira pelos caminhos da arte demonstra ser tarefa complexa pela extensão da diversidade cultural/sexual no país” (GARCIA, 2012, p. 135). Claro que tais questões não são exclusividades do contexto brasileiro, seria leviano

demarcar geograficamente o grau de complexidade que debater gênero, raça, classe social, práticas sexuais, religiosidade entre outros marcadores, é mais complexo aqui ou ali. Ao mesmo tempo que entendo a complexidade das reflexões 'culturais/sexuais' apontadas por Garcia, uma vez que articuladas criticamente pelo viés da interseccionalidade. Retornando as questões que a arte homoerótica sugere, ou como Garcia propõe homoarte, o faz indicando "três premissas auxiliares na construção do conceito de homoarte 'do contexto ao objeto', 'da realização ao público' e 'do realizador ao produto'". (GARCIA, 2012, p. 139). O primeiro versa das práticas sexuais e identitárias que se transferem nas produções artísticas, aqui me parece que o autor esforça-se na percepção da homoarte para além de corpos que se colocam como gays, pois menciona também a cena homoerótica lésbica, mas que é melhor expressado no segundo ponto onde diz que "também parece possível apreender a homoarte baseada na expressão comum de um determinado "tipo" de produção artística que engloba as comunidades gay-lésbicas, sob a atuação performática de travestis, transformistas e drag queens (GARCIA, 2012, p.139). Porém, no terceiro e último ponto, Garcia declara que a arte homoarte pode ser lida como "manifestação do agente criador da obra de arte, isto é, as propriedades que envolvem o realizador, sua experiência afetiva/erótica e seu processo criativo" (GARCIA, 2012, p. 140). Mas ao fechar seu parágrafo, segue utilizando do gênero 'gay' que socialmente, sabemos, lê-se como dois homens cis em um relacionamento afetivo-sexual.

• 64

Assim, novamente ressalto a importância da contrassexualidade para distanciar gênero e práticas sexuais, dinamitando termos como "sexo", "homoerótico" e "arte homoerótica". Portanto, não creio que a ideia de arte homoerótica se sustente quando trazida para os debates interseccionais. Já a proposta de Wilton Garcia refletindo na homoarte, me parece um pouco mais digestiva, porém, do mesmo modo que a arte homoerótica, a divisão binária hetero/homo não é sólida o suficiente para elaboração conceitual de um agrupamento artístico, afinal de contas, se pensarmos numa proposta de "heteroarte", quais seriam as premissas para abrigar artistas e obras, quando sabemos que a heterocisgeneridade normatividade embranquecida classista não necessita de um conceito/termo para existir? E que suas temáticas não incitam a abordagem de suas subjetividades como identidade de gênero, raça, classe social e práticas sexuais.

A interseccionalidade e a contrassexualidade fundem-se em minha reflexão crítica para a análise de como a arte homoerótica se elabora discursivamente a partir dos aspectos formalistas das produções artísticas. Estes aspectos não são aqui negados, pelo contrário, são úteis como contra argumentos, pois não deixam de ser reproduções discursivas, quais aqui são criticadas, sendo que a partir delas é que se formula a arte homoerótica.

Quando obras de artes, independente das linguagens artísticas utilizadas, abordam os marcadores subjetivos de seus artistas, principalmente, quando estes apresentam temáticas sexuais, é comum nos depararmos com frases como “o erótico difere do profano”, “a representação do sexo gay masculino”, “o enfoque do trabalho é a sensualidade”, “a uma transgressão na obra, visto a explicitude do corpo”, entre outras tantas que reproduzem problematicamente o que venho apontando ao longo desse texto que é as entrelinhas machistas, sexistas, tranfóbicas, racistas, classistas que a utilização da ideia de arte homoerótica implica, muitas vezes sem dar-se conta dessas problemáticas.

4. Arte homoerótica x *Ars Sexualis*

Como acentuado até aqui, não acredito na ideia e elaboração de um conceito como arte homoerótica, pelos fatores até aqui apontados. Assim, abre-se uma pergunta fundamental: mas então, qual seria a ideia e/ou conceito que daria conta de abrigar artistas e suas produções artísticas a fim de agrupar linguagens, processos e teorias que interseccionam gênero, raça, classe social e práticas sexuais?

Encontro resposta no conceito de *Ars Sexualis*, que venho elaborando com Sue Gonçalves⁷, e para maior aprofundamento indico a leitura do artigo *Ars Sexualis: discursos para repensar a teoria e a prática artística*⁸. Este artigo foi a primeira produção teórica em que começamos a tatear o que

⁷ Estudante de graduação do curso de História da Arte do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA-UFRGS).

⁸ O artigo descreve a realização do *Ars Sexualis: Seminário Internacional de Artes Visuais* (<http://arssexualis.com.br/>) que teve sua primeira edição realizada no ano de 2021 e a segunda, em 2022, ambas de forma remota. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/30enanpap2021/383392-ars-sexualis--discursos-para-repensar-a-teoria-e-a-pratica-artistica/>>. Acesso em setembro de 2022.

compreendemos como *Ars Sexualis* e que parte da unificação de *Ars erotica* e *Scientia sexualis* aprofundados no primeiro volume da História da Sexualidade (2019) de Michel Foucault. Sendo o primeiro termo uma forma de pedagogia das práticas sexuais e o segundo, a produção discursiva da sexualidade (FOUCAULT, 2019).

Particularmente, compreendo o *Ars Sexualis* como uma contra produção discursiva que busca romper com as hegemonias historiográficas e críticas das artes visuais em que práticas artísticas são postas, ou seja, abrigam-se neste conceito artísticas que, a partir de suas práticas sexuais, elaboram e realizam produções artísticas que provocam o rompimento da hetero cisgeneridade normativa embranquecida e classista. A crítica aqui não é aos artistas e seus respectivos trabalhos, mas à historiografia, teoria e crítica de arte que discursivamente ainda insiste em isentar-se dos debates interseccionais em nome de lógicas dominantes e que estruturam as instituições sociais, econômicas e políticas, bem como as artes visuais e tantas outras. Um dos exemplos desse debate e que caberia aqui é a diferença entre erótico e pornográfico, no qual referenciamos Susan Sontag (2015) que desdobra as questões que levaram a pornografia para o subterrâneo social. Entendo que o debate erótico x pornografia não deveria se dar desse modo, do subterrâneo e não subterrâneo, do limpo e do sujo, mas deveriam estar em aberto, possibilitando outras discursividades nas artes visuais, seja no presente, no passado e mantendo-se no futuro.

Desde que iniciamos nossos estudos sobre temáticas como corpo, nudez, sexualidade, contrassexualidade, feminismos, gênero, transfeminismos, erótico, explícito, pornografia, pós-pornografia, percebemos a urgência de interseccionar as questões de raça, classe social, capacitismo e outros tantos marcadores. Esta necessidade de investigação nos fez dar conta de que a produção historiográfica, teórica e crítica das artes visuais é insuficiente, principalmente se buscarmos por pesquisas brasileiras. De modo geral, prevalecem os debates que 'erotizam' ou 'maquiam' as explicitudes dos marcadores identitários apontados acima. Portanto, ao mesmo tempo que proponho que o conceito *Ars Sexualis* consiga abrigar o que até o presente momento vem sendo pensado como arte homoerótica, entendo que brechas estão em aberto e passíveis de inquietações e problematizações e compreendo que sua potência está no contrapelo, no fracasso, na porcaria, na merda, no

• 66

baixo calão, aprimorando e não hegemонizando as produções discursivas das artes visuais e da sociedade de modo geral.

Acredito no conceito de *Ars Sexualis* como um começo de uma contraprodução discursiva que acolherá de fato artistas como Bruna Kury, Lyz Parayzo, Tali Boy, PC Casteleira, Paulx, Ron Athey, Annie Sprinkle, Tertuliana Lustosa, Luluca L, Thigresa, DUOCU, Órion Lalli, Pinho Blures, Monique Huerta, Thiago Prado, Hilda de Paulo e Chris, The Red entre outros tantos que são invisibilizadas seja no recorte da arte homoerótica ou nas artes visuais de modo geral. Creio que o *Ars Sexualis* seja as conexões em aberto da interseccionalidade contrassexual, assim es artistas podem ou não se ver abrigades nesse conceito teórico.

5. Considerações Finais

Propor a revisão de uma ideia que vem se consolidando enquanto conceito não é uma tarefa fácil e nem o gostaria que fosse, pelo contrário, as adversidades e contradições que posso esbarrar ou cair me atraem, afinal como citado acima, se nossos corpos são orgânicos temporal e espacialmente, nossas produções também o são. Assim, os tombos e cicatrizes nos servem de estímulo para estarmos sempre atentos ao que produzimos e reproduzimos. Minha identidade bicha, me direcionou para as problemáticas a respeito da ideia de arte homoerótica, assim como estou em constante estado de atenção para minha presença na sociedade e particularmente dentro das artes visuais.

A urgência de entender que gênero e práticas sexuais são distintas em primeira instância é tão grande quanto perceber, nas entrelinhas da ideia da arte homoerótica, os problemas. Compreendo que corpos, corpas e corpes são socialmente construídos, como Preciado (2017) indica que as produções têm sido excludentes a subjetividades desviantes e desobedientes. Portanto, atravessamentos interseccionais pelas rizomáticas vias da contrassexualidade é fundamental para repensar as produções e reproduções discursivas das artes visuais, o medo deve ficar de lado, o desnudar-se é inevitável e o gozo é eminente. Que as artes visuais sejam cada vez mais safadas e menos pudicas e que seus discursos sejam molhados e arrepiantes, em constante estado de alerta para não reproduzir dogmas que já poderiam estar no limbo do esquecimento.

Referências

BATAILLE, George. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe - 1ª ed.; 2ª reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. ISBN: 978-85-8217-050-2.

BILGE, Sirma . COLLINS, Patrícia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. ISBN: 978-85-200-0611-5.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. ISBN: 85-85427-17-5.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. - 8ª ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2019a. ISBN: 978-85-7753-294-0.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. - 10ª ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2019b. 432 p. ISBN: 978-85-7753-296-4.

GARCIA, Wilton. Arte homoerótica no Brasil: estudos contemporâneos. **Revista Gênero**. Niterói, v.12, n.2, p. 131-163, 1. sem. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31154>>. Acesso em: setembro 2022.

MEDEIROS, Afonso. **O imaginário do corpo : entre o erótico e o obscuro : fronteiras líquidas da pornografia**. Raimundo Martins (ed.). – Goiânia: FUNAPE, 2008. ISBN: 978-85-87191-13-7.

PEREIRA, Bruno. **Symphony of Erotics Icons: erotismo e o corpo masculino na fotografia de Alair Gomes**. Orientador: Fernando Silva Teixeira Filho. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia / Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2017. 198f.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual.**; tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017. ISBN: 978-85-66943-13-9.

SAEZ, Javier. CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais.** Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG. Letramento, 2016. 192 p. ISBN: 978-85-68275-98-6.

SONTAG, Susan. **A Imaginação Pornográfica** in. A Vontade Radical: estilos. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo. Companhia das Letras, 2015.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ.** Traduzido por Maria Selenir Nunes dos Santos, Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019. 184p. ISBN: 978-856-694-380-1.

Recebido em 30/09/2022 - Aprovado em 26/12/2022

Como citar

NOVADVORSKI SCHEEREN, B. A. Os Problemas no discurso do que chamamos de arte homoerótica: interseccionalidades contrassexuais para uma *Ars Sexualis*. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 20, n. 1, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v20n1a2024-67143. Disponível em:

69 • <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/67143>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.